

Memória Gráfica de Pernambuco: Luís Jardim sob a ótica do design da informação*Graphic Memory of Pernambuco: Luís Jardim from the point of view of information design*

Bruno Pereira Verissimo & Silvio Romero Botelho Barreto Campello

história do design, memória gráfica, artista gráfico, Luís Jardim, design da informação

Este artigo reflete acerca das produções gráficas do artista pernambucano Luís Jardim, através de análises de suas ilustrações para os três guias que colaborou, para as cidades do Recife, Ouro Preto e Rio de Janeiro respectivamente. Para isso, usou-se o conjunto metodológico proposto por Fonseca et al (2016) para pesquisas em história do design a partir de materiais impressos, utilizando de procedimentos teóricos-metodológicos do design da informação durante algumas fases da pesquisa, com o intuito de vasculhar uma parte da memória de Luís Jardim em busca de evidências que o atestam como um designer de sua época, contribuindo com as pesquisas em história do design e memória gráfica.

history of design, graphic memory, graphic artist, Luís Jardim, information design

This article reflects on the graphic productions of the artist from the state of Pernambuco, Luís Jardim, through analyzes of his illustrations for the three guides that collaborated, for the cities of Recife, Ouro Preto and Rio de Janeiro respectively. For this, the methodological set proposed by Fonseca et al (2016) was used for research in design history from printed materials, using theoretical-methodological procedures of information design during some phases of the research, with the aim of searching a part of the memory of Luís Jardim in search of evidences that attest him like a designer of his time, contributing with the investigations in history of the design and graphic memory.

1 Introdução

A Memória Gráfica no Brasil vem sendo estudada desde meados da primeira década do século XXI, através de pesquisas científicas que apontam como o início da trajetória do Design Gráfico no Brasil ter ocorrido muito antes do primeiro curso superior de Desenho Industrial, nos anos 1960. Esse campo é estudado com base nos artefatos comunicacionais e pictóricos que indivíduos produziram no passado remoto, os quais podem servir de auxílio para entender os sistemas de codificação da época e seus resultados serem úteis aos dias atuais.

Algumas questões abordadas em outras pesquisas desse ramo refletem sobre, por exemplo, qual seria o cenário do Design Gráfico no Brasil? Quem produziu esses artefatos? Quais técnicas utilizavam? Que referências pode-se obter dessas produções em termos de linguagem gráfica? Além de abordar assuntos relevantes para o design gráfico no Brasil, Rafael Cardoso em *O Design Brasileiro antes do Design* (2005) relata que entender o passado projetual anterior a 1960 é o primeiro passo para uma compreensão da identidade brasileira no design.

Partindo disso, temos a pesquisa em andamento acerca das obras de Luís Jardim, que deu relevante contribuição às artes gráficas durante as décadas de 1920 a 1980, atividades hoje conhecida como design. Sua ocupação dentro do meio da indústria gráfica identificados até então se mostra ampla e versátil, contando com desenhos, vinhetas, letras capitulares, capas e ilustrações de livros, retratos e ilustrações para revistas, jornais e periódicos.

Este artigo tem como objetivo vasculhar a memória de Luís Jardim em busca de evidências que o atestam como um designer de sua época, focando em suas ilustrações para os guias

Anais do 9º CIDI e 9º CONGICLuciane Maria Fadel, Carla Spinillo, Anderson Horta,
Cristina Portugal (orgs.)**Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI**

Belo Horizonte | Brasil | 2019

ISBN 978-85-212-1728-2

Proceedings of the 9th CIDI and 9th CONGICLuciane Maria Fadel, Carla Spinillo, Anderson Horta,
Cristina Portugal (orgs.)**Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI**

Belo Horizonte | Brazil | 2019

ISBN 978-85-212-1728-2

turísticos que colaborou, identificando uma parte de sua obra gráfica e explorando sua biografia através de revisão bibliográfica. Os guias analisados foram: *Guia Prático, Histórico e Sentimental do Recife*, de autoria de Gilberto Freyre; *O Guia de Ouro Preto*, escrito por Manuel Bandeira e *Aparência do Rio de Janeiro: notícia histórica e descritiva da cidade* de Gastão Cruls, todos ilustrados por Luís Jardim.

2 Processo metodológico

Para este artigo foi utilizado os métodos de pesquisa histórica e exploratória, confrontando leitura de bibliografia sobre o objeto de estudo (livros, teses, dissertações e artigos), com artefatos históricos encontrados em visitas preliminares a acervos construindo assim, um inventário sobre aspectos históricos de Luís Jardim e sua produção gráfica no Recife.

Dessa forma, abrimos mão do conjunto metodológico proposto por Fonseca et al (2016) em *Conjunto Metodológico para Pesquisa em História do Design a partir de Materiais Impressos*, este modelo mostrou-se ser apropriado aos objetivos desta pesquisa.

O método propõe duas frentes metodológicas para a pesquisa, além de utilizar procedimentos teóricos-metodológicos do design da informação na condução de algumas etapas. Primeiramente recomenda-se uma aproximação do pesquisador com o contexto sócio-histórico dos artefatos, através de revisão bibliográfica e entrevistas com sujeitos. Em seguida, a segunda frente metodológica do método propõe uma análise gráfica do material, essa etapa se dá por meio de identificação e mapeamento de acervos, registro fotográfico do acervo, organização do acervo digital, elaboração da ficha de análise do impresso, coleta de dados do impresso, análise estatística e discussão de resultados.

3 As ilustrações de Luís Jardim

A prática de impressos no Brasil começa um pouco tarde, comparado aos outros países da América, por exemplo. A impressão tipográfica chegou por aqui muitos anos depois de inventada por Gutenberg, somente na Imprensa Régia que os primeiros impressos começaram a surgir, como explica Campello (2011):

Em Pernambuco, essa história se inicia anos após a Imprensa Régia ser instaurada, mais precisamente em 1817, quando, na Revolução Pernambucana, os próprios revolucionários imprimiram os relatos do acontecimento histórico, conhecido como O Preciso, utilizando uma impressora tipográfica chegada dois anos antes ao Recife, contudo, a prática gráfica na região toma forma com o advento da litografia alguns anos depois.

Mais tarde a litografia foi rapidamente disseminada graças ao próprio inventor, o francês Alois Senefelder, o qual publicou um tratado da técnica inventada promovendo a difusão da mesma por todo o mundo (Cardoso, 2005). O autor explica que a vantagem da litografia comparada a outras técnicas de impressão, como a tipográfica, por exemplo, é a possibilidade de criação da composição gráfica imediatamente sobre a matriz a ser impressa, quase como se fosse sobre o papel, gerando maior liberdade criativa e incorporando à indústria gráfica, a qual estava se iniciando por aqui.

Para integrar essa ramo crescente, profissionais foram introduzidos, os chamados artistas gráficos, eram ilustradores, tipógrafos, impressores, diagramadores, retratistas, coloristas, gravadores e clichêristas, que dedicavam seus trabalhos a solucionar problemas visuais e de impressão. Alguns tiveram grande destaque, em Pernambuco destaca-se Luís Jardim (Figura 01), 'um artista polivalente' nas palavras de Gilberto Freyre (1957, p. 82), que se sobressai por sua versatilidade artística e profissional.

Figura 01: Autorretrato em bico de pena de Luís Jardim (fonte: O meu pequeno mundo, de Luís Jardim; acervo pessoal).



Luís Inácio de Miranda Jardim nasceu em Garanhuns, interior de Pernambuco, em 1901, filho de pai professor, começou seus estudos com oito anos de idade no Grêmio Literário Raul Pompéia, tendo sido interrompido aos treze anos por problemas de saúde. Em 1917 Luís Jardim se vê obrigado a ir para Recife após perder grande parte da sua família assassinada numa chacina conhecida como a Hecatombe de Garanhuns (Hélio & Bruscky, 1998), na capital pernambucana fica até metade da década de 1930 quando se muda com a esposa para o Rio de Janeiro.

No Recife, Jardim fez amizades importantes para sua carreira profissional, foi Osório Borba quem o apresentou ao notório José Maria de Albuquerque e Melo, o fundador da Revista do Norte, o qual convidou o artista para publicar seus primeiros trabalhos artísticos na publicação (Dantas, 1989).

Mas foi Gilberto Freyre quem exerceu maior influência na vida de Jardim, o artista chegou a datilografar para Freyre boa parte do seu romance *Casa-Grande & Senzala*, além disso ambos colaboraram juntos diversas vezes, tendo Luís ilustrado notórias obras do escritor, uma das mais importantes, sem dúvidas, foi o *Guia Prático, Histórico e Sentimental do Recife*, publicado em 1934 por Freyre e totalmente ilustrado por Luís Jardim, como descreve Peixoto (2005):

A primeira edição do guia, sem capítulos nem paginação definidos, apresenta um texto fluente, arrematado pela prosa desabrida, característica do autor. Os respiros na narrativa ficam a cargo das ilustrações de Luís Jardim (1901-1987), que ora entrecortam o texto, ora se apresentam em páginas inteiras. Ilustrações de fato, já que os desenhos – de traços retos e corte moderno – comentam a narrativa, apresentando ao leitor igrejas, ruas, fachadas e personagens mencionados. Jardim é também responsável pelos frisos que emolduram as páginas (em preto e vermelho sobre branco), pelas capitulares e por duas cenas da cidade, em cores, que estampam a capa e a folha de rosto do volume (Peixoto, 2005, p.162).

A autora ainda relata que foi graças a esse projeto que Luís Jardim foi convidado, poucos anos mais tarde, para ilustrar o Guia de Ouro Preto escrito por Manuel Bandeira e consequentemente ilustrando o guia *Aparência do Rio de Janeiro* de Gastão Cruls, publicado em 1949 pela Livraria José Olympio Editora. Em ambos os guias o artista se valeu de imagens primárias para criação das ilustrações, no guia de Ouro Preto o artista criou a partir de croquis de Joanita Blanck e no guia da capital carioca Jardim ilustrou a partir de pinturas, fotografias e originais de outros artistas de séculos passados que retrataram o Rio de Janeiro.

Luís Jardim ainda trabalhou na José Olympio Editora quando se mudou para o Rio de Janeiro, lá pôde melhor revelar o seu talento de ilustrador e capista, além de ter publicado todos seus livros como escritor pela editora, ficou famoso pelos seus desenhos de bico de pena dos autores nas folhas de rosto das edições. No levantamento realizado até o momento, Luís

Jardim participou de trinta e quatro livros da editora José Olympio, dentre ilustrações, capas, vinhetas e capitulares, de acordo com Hélio & Bruscky (1998) só para romances de José Lins do Rego chegou a fazer cerca de trezentos desenhos.

As ilustrações de Luís Jardim são artefatos históricos e de memória gráfica carregados de significados sobre o fazer design de uma época em que esse termo nem sequer era empregado, o estudo de tais artefatos reflete um olhar sobre os artistas gráficos da época e também sobre as mensagens expressadas pelo mesmo em suas obras há quase cem anos atrás, reflexões essas, importantes para a história do design.

3 Processo metodológico

Seguindo o método proposto por Fonseca et al (2016), a princípio partimos para revisão bibliográfica com o intuito de conseguir identificar o maior número de artefatos produzidos por Luís Jardim e também entender um pouco sobre sua vida e trajetória profissional. Duas obras foram de extrema importância nesta etapa por sua riqueza de informações acerca das peças gráficas que o artista produziu. A primeira foi a publicação de Paulo Bruscky e Mário Hélio *Vida, arte, palavra perfis de Luís Jardim*, através deste texto foi possível estabelecer uma certa cronologia da vida de Jardim e de suas obras, resultando numa planilha em formato de linha do tempo, objeto de condução de toda a pesquisa.

A segunda publicação foi a obra de Luiz do Nascimento *História da Imprensa de Pernambuco (1821 - 1954)*, composta de 14 volumes a obra faz uma descrição geral de cada impresso publicado no Estado entre os anos citados. O nome de Luís Jardim é mencionado como ilustrador de algumas publicações da época em que morou em Recife (1918-1936), além disso o autor aponta os locais onde cada artefato se encontra arquivado, essas informações foram importantes na construção de uma catalogação das obras de Luís Jardim, além de indícios de quais acervos encontrá-las.

A partir disso fomos confrontar dados bibliográficos com o acervo digital da Biblioteca Nacional, esta etapa da pesquisa foi bastante rica e de extrema importância para confrontar achados e descobrir novos caminhos a se seguir. A Hemeroteca Digital possui diversos jornais, revistas e periódicos digitalizados em seu acervo, através dela foi possível fazer uma investigação detalhada do nome de Luís Jardim nas três abas disponíveis para busca: por periódico, por período e por local.

Com todas essas informações registradas e a escolha do universo da pesquisa para este artigo determinada, dirigimos nossos olhares para a segunda frente de trabalho do método, a análise gráfica do impresso.

Identificação e mapeamento dos acervos

A primeira etapa dessa análise é a identificação e mapeamento dos acervos. Foi identificado e tabulado alguns acervos para visitas posteriores da pesquisa, bem como os indícios do material a ser encontrado em cada um, porém no que concerne a obtenção dos guias turísticos, visitamos apenas a Biblioteca Setorial Professor Roberto Amorim.

A biblioteca fica localizada no Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da UFPE, lá foi possível localizar o *O Guia de Ouro Preto* (3ª edição - 1957) e os dois volumes de *Aparência do Rio de Janeiro: notícia histórica e descritiva da cidade* (2ª edição - 1952). Já o *Guia Prático, Histórico e Sentimental do Recife* foi obtido graças a empréstimo de acervo pessoal de outro pesquisador, é importante salientar aqui que a edição aqui fotografada e analisada desse guia em específico é um fac-similar da primeira edição do livro.

Registro fotográfico do acervo

As obras localizadas na Biblioteca do CFCH se encontravam um pouco deterioradas por ação do tempo, com páginas amareladas e algumas folhas soltas, além de algumas ilustrações estarem estampadas com carimbo do Mestrado em História da UFPE (Figura 02). Todos os

desenhos foram registrados utilizando a câmera de um aparelho celular e arquivados em pastas no computador.

Figura 02: Detalhe do carimbo em ilustração (fonte: Aparência do Rio de Janeiro, Gastão Cruls; acervo da Biblioteca Setorial Professor Roberto Amorim).



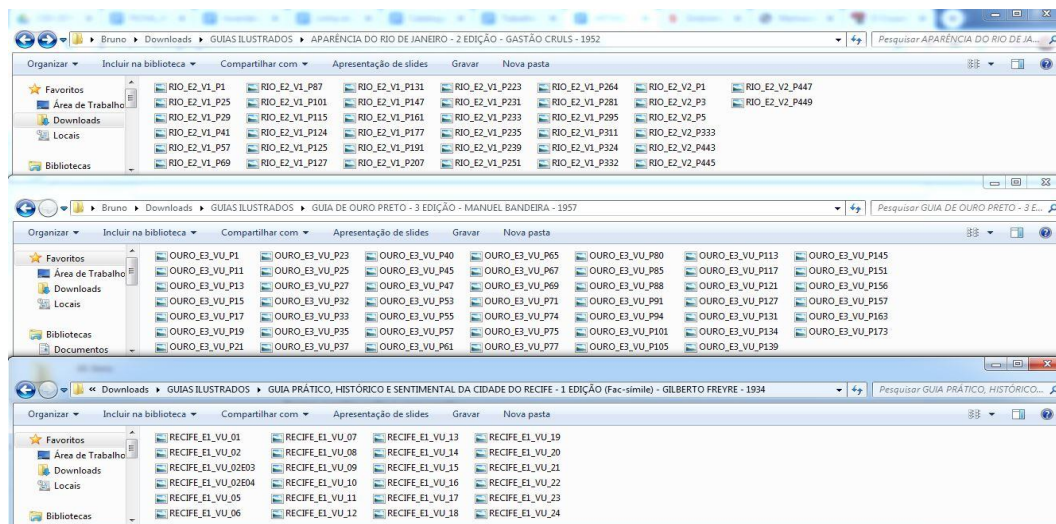
Organização do acervo digital

Para organização do acervo digital utilizamos a nomeação dos arquivos gerados fotograficamente de maneira estruturada e controlada, como sugere Fonseca et al (2016). Foram estabelecidos códigos para nomeação das informações contidas nos arquivos: primeiro nome da cidade do guia, N seguido de número da edição, V seguido de número do volume, P seguido de número da página onde cada ilustração se encontra no guia. Por exemplo, o arquivo nomeado como RIO_E2_V1_P25, informa que é do guia *Aparência do Rio de Janeiro*, 2ª edição, volume 1, ilustração localizada na página 25.

Todavia estes códigos sofreram algumas alterações, por particularidades de alguns guias, os guias das cidade de Ouro Preto e Recife, por exemplo, não possuem mais de um volume, dessa forma o código V veio seguido da letra U para indicar volume único. Já o guia da cidade do Recife não possui fôlio, ou seja não há identificação do número de página onde cada ilustração se encontra, para este utilizamos P e o número ordenado de cada ilustração, de forma continuada e crescente.

Na figura (Figura 03) a seguir podemos visualizar a organização de todo o acervo online dos guias, nas três pastas em que foram agrupados no computador:

Figura 03: Captura de tela do acervo digital dos guias (fonte: elaborada por autores).



Elaboração da ficha de análise do impresso

A partir desta etapa Fonseca et al (2016) retrata as contribuições que os procedimentos do design da informação possuem em seu método:

Neste método, os procedimentos teóricos-metodológicos do design da informação acompanham o pesquisador na condução de três etapas da pesquisa: a elaboração da ficha de análise do impresso, a análise dos dados coletados e, por fim, a discussão dos resultados da pesquisa. Nesses três momentos, o pesquisador assume o papel do designer da informação (infodesigner) ao passo que se encarrega de selecionar e organizar informações (Wilbur & Burke, 1998), com a tarefa de registrar e garantir eficiência da investigação científica (Fonseca et al, 2016, p. 151).

Para isto, foi elaborada duas fichas de análise, a primeira em formato de lista fizemos um apanhado geral de informações do artefato, registrando: acervo em que se encontra, título, autor, editora, coleção, edição, volume, ano da edição, ano da 1ª edição, número de páginas, número de ilustrações, técnicas utilizada (quando mencionada na obra), formato e um espaço para outras observações, onde será registrado qualquer outra informação pertinente a pesquisa.

A outra ficha em formato de tabela, registra o conteúdo de cada ilustração de acordo com os objetivos da pesquisa, as informações se tabulam em: nome do arquivo, volume, tipo de imagem, legenda, assinatura e cor. Através desta ficha é possível ter um olhar mais atento sobre as ilustrações produzidas por Luís Jardim para os guias, pois com ela identificamos as imagens que possuíam assinatura do artista, legenda no rodapé, cores e o tipo de desenho feito: ilustração, capitular, vinheta, moldura. Na figura a seguir mostramos a tabela proposta por nós como catalogação de cada ilustração.

Figura 04: Tabela presente em ficha de análise do impresso (fonte: elaborada por autores).

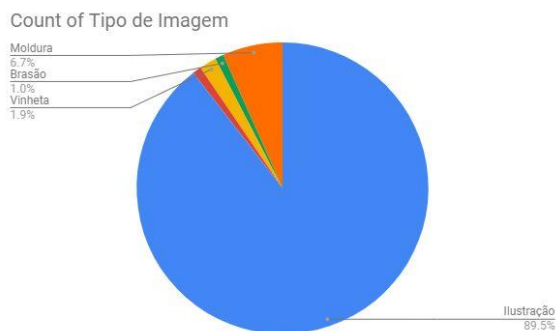
	Volume									
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1	Nome do Arquivo	Volume	Tipo de Imagem	Legenda	Assinatura	Cor				
2	RIQ_E2_V1_P25	1	Moldura			Preto				
3	RIQ_E2_V1_P29	1	Ilustração			Preto				
4	RIQ_E2_V1_P41	1	Ilustração	II - Igreja e colégio dos jesuítas, no morro do castelo	L. Jardim	Preto				
5	RIQ_E2_V1_P57	1	Ilustração	III - Obras apenas iniciadas da Igreja nova dos jesuítas, no morro do castelo	L. Jardim	Preto				
6	RIQ_E2_V1_P69	1	Ilustração	IV - Igreja de Sé, depois convento dos capuchinhos, no morro do castelo	L. Jardim	Preto				
7	RIQ_E2_V1_P87	1	Ilustração	V - Arcos da carioca	L. Jardim	Preto				
8	RIQ_E2_V1_P101	1	Ilustração	VI - Dama conduzida em serpentina	Luís Jardim	Preto				
9	RIQ_E2_V1_P115	1	Ilustração	VII - Carro alegórico num préstito festivo em 1786	L. Jardim	Preto				
10	RIQ_E2_V1_P124	1	Vinheta			Preto				
11	RIQ_E2_V1_P125	1	Moldura			Preto				
12	RIQ_E2_V1_P127	1	Ilustração			Preto				
13	RIQ_E2_V1_P131	1	Ilustração	VIII - Igreja de S. Pedro, demolida em 1942	L. Jardim	Preto				
14	RIQ_E2_V1_P147	1	Ilustração	IX - Teatro real de S. João, na praça do Rocio	L. Jardim	Preto				
15	RIQ_E2_V1_P161	1	Ilustração	X - Casa colonial da rua 1º de março (antiga direita), canto da rua da alfândega	L. Jardim	Preto				
16	RIQ_E2_V1_P177	1	Ilustração	XI - A praia de botafogo por volta de 1840	L. Jardim	Preto				
17	RIQ_E2_V1_P191	1	Ilustração	XXI - Palacete de s. cristovão	L. Jardim	Preto				
18	RIQ_E2_V1_P207	1	Ilustração	XIII - Glória	L. Jardim	Preto				
19	RIQ_E2_V1_P223	1	Ilustração	XIV - Largo de s. francisco de paula	Luís Jardim	Preto				
20	RIQ_E2_V1_P231	1	Ilustração			Preto				
21	RIQ_E2_V1_P233	1	Moldura			Preto				
22	RIQ_E2_V1_P235	1	Ilustração			Preto				

Análise estatística

Fonseca et al (2016) sugere a geração de gráficos a partir da catalogação tabular, levando em consideração que algumas variáveis apresentam-se melhor em uma categoria específica de gráfico, com isso em mente geramos gráficos diferentes a partir das fichas com o intuito de visualizar as informações de forma mais imediata e compreendê-las com mais rapidez.

Utilizamos as variáveis tipos de imagem, com o intuito de visualizar os tipos diferente de imagens produzidas pelo artista, como pode ser visto no gráfico abaixo (Figura 05) Jardim produziu 94 ilustrações, 7 molduras, 2 vinhetas, 1 brasão e 1 capitular no total dos guias turísticos, num total de 106 desenhos catalogados, 36 para o guia do Rio de Janeiro, 45 para o guia de Ouro Preto e 25 para o guia de Recife.

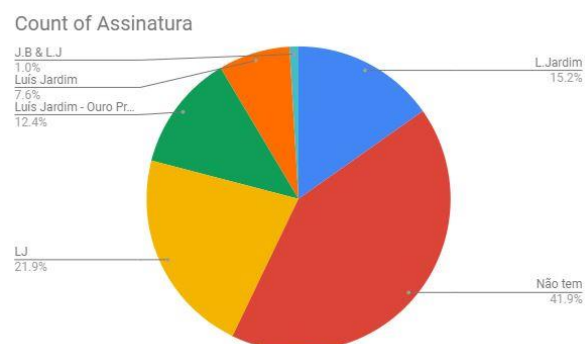
Figura 05: Gráfico da variável “tipo de imagem” (Fonte: elaborada por autores).



A próxima variável que nos interessa é quais os tipos de assinatura que o artista utilizou nas imagens produzidas por ele, a partir disso geramos o gráfico mostrado na Figura 06, a seguir. A partir disso percebemos que Luís Jardim não assinava a grande maioria dos seus desenhos, embora aqui devemos levar em consideração que vinhetas, molduras e capitulares geralmente não são assinadas pelos artistas que as produzem, vamos nos ater as ilustrações.

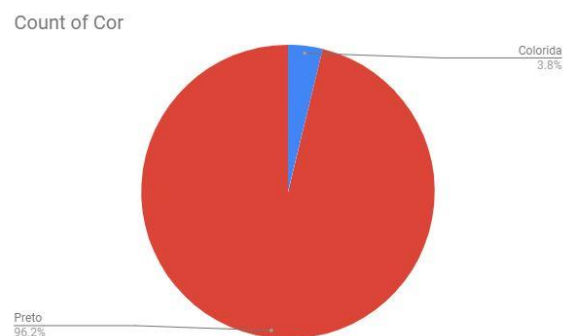
Do total somente 62 tiveram a assinatura do artista detectada, sendo 23 as suas iniciais LJ, 16 a abreviação L.Jardim, 13 com seu nome e sobrenome junto do nome da cidade de Ouro Preto e o numeral 1937, 8 com seu nome e sobrenome Luís Jardim e 1 ilustração assinada com as iniciais J.B & L.J.

Figura 06: Gráfico da variável “assinatura” (Fonte: elaborada por autores).



A última variável que analisamos foi a cor das imagens (Figura 07), o único guia turístico com ilustrações coloridas é o guia do Recife, possuindo 4 imagens em cores, como visto no gráfico.

Figura 07: Gráfico da variável “tipo de imagem” (Fonte: elaborada por autores).



Discussão dos resultados

Os dados mostrados até aqui através das fichas e gráficos formam uma catalogação inédita sobre o material coletado de Luís Jardim. Os resultados obtidos com as análises nos mostram o montante da produção do artista em apenas três obras de seu portfólio já tão vasto, como identificado em pesquisas anteriores. Nos atentamos aqui nessa discussão dos resultados há alguns detalhes que não ficaram tão perceptíveis na análise dos dados.

Comparando os três guias podemos perceber uma clara mudança de técnica de ilustração de um para o outro (Figura 08), nos textos iniciais de *Aparência do Rio de Janeiro*, o autor Gastão Cruls (1952, p. 22) narra '[...] que Luís Jardim traçou os seus bicos de pena' identificando assim a técnica utilizada pelo artista, porém não foi encontrado nas outras duas obras nenhuma informação sobre suas ilustrações.

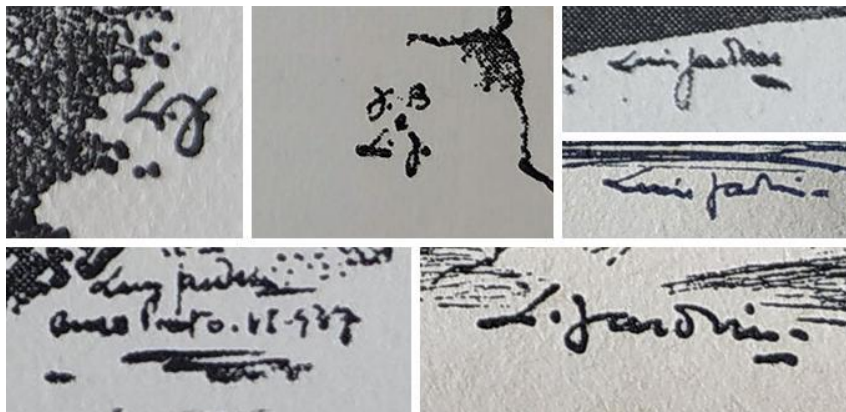
Figura 08: Comparativo do tipo de ilustração dos três guias: 1 – Ouro Preto; 2 – Recife; 3 – Rio de Janeiro (Fonte: Biblioteca Setorial Professor Roberto Amorim e acervo pessoal).



A partir do gráfico de variáveis de assinaturas do artista em suas ilustrações, foi criado um quadro (Figura 09) catalogando algumas variações, esse esquema será importante para pesquisas futuras na identificação de novas obras de Luís Jardim e autenticação das mesmas através da assinatura do artista.

Aqui podemos notar alguns aspectos interessantes, em uma das variáveis Jardim assina suas iniciais junto das iniciais J.B, provavelmente as iniciais da artista Joanita Blanck, autora dos croquis que se valeram de fonte primária para as ilustrações do guia de Ouro Preto.

Figura 09: Comparativo das assinaturas de Luís Jardim (Fonte: Biblioteca Setorial Professor Roberto Amorim e acervo pessoal).



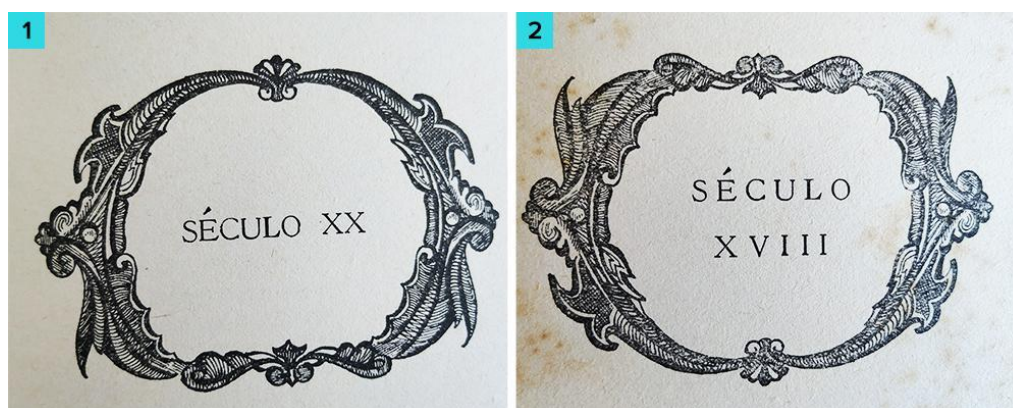
Algumas vinhetas foram identificadas durante a catalogação, de acordo com os dados obtidos nos gráficos, há a presença de duas vinhetas nos guias de Recife e Rio de Janeiro, sendo a primeira em cores presente na maioria das páginas internas do guia e a segunda aparecendo apenas uma vez durante o texto. Nota-se aqui uma diferença de estilo de uma para a outra, a primeira utilizando traços geométricos com um eixo central e ambos os lados simétricos e a segunda totalmente ilustrada com figuras que remetem a uma exposição de quadros e partes humanas pendurados por barbantes em um cabo.

Figura 10: Vinhetas nos guias: 1 – Recife; 2 – Rio de Janeiro (Fonte: Biblioteca Setorial Professor Roberto Amorim e acervo pessoal).



Outra ilustração que nos chamou a atenção foram as molduras criadas pelo artista para o guia do Rio de Janeiro, a obra possui dois volumes, o primeiro contém a maioria das ilustrações (29 das 36 do total), enquanto que o segundo possui grande parte das imagens representadas na forma de fotografias, porém algo que se repete em ambos são as molduras utilizadas como adorno das chamadas de séculos. Essas molduras se mostraram iguais em quase todas as vezes em que aparece na obra, porém no segundo volume há uma rotação de 180° como decisão de design para diferenciar da primeira, como visto na comparação entre as duas na figura a seguir.

Figura 11: Molduras nos guia do Rio de Janeiro: 1 – Volume 1; 2 – Volume 2 (Fonte: Biblioteca Setorial Professor Roberto Amorim).



5 Considerações finais

Este artigo buscou analisar uma pequena parte da produção gráfica de Luís Jardim sob o ponto de vista do design da informação, utilizando metodologias próprias para pesquisas em história do design a partir de materiais impressos, empregando o método à guias turísticos em que o artista colaborou como ilustrador.

A pesquisa que está em andamento e que deu origem a este artigo terá como objeto de pesquisa toda a produção do artista criada entre o período em que morou na capital pernambucana, se valendo de visitas a acervos e análises do material coletado.

A revisão bibliográfica empregada neste estudo trouxe diversos achados para a pesquisa, já que confrontamos leitura de livros, artigos e dissertações com informações encontradas em jornais e periódicos obtidos na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. O desenvolvimento da prática gráfica de Luís Jardim se mostrou bastante diverso, como mostra os achados nesta fase da pesquisa, já que foi identificado uma produção ampla e versátil do artista, com colaborações em diversos setores da indústria gráfica da época, principalmente a indústria editorial e a imprensa periódica, esses achados serão averiguados e analisados no futuro da pesquisa e as visitas aos acervos catalogados se mostrarão instrumentos de valor indispensável.

Após o uso do método proposto por Fonseca et al (2016) foi possível constatar que a aplicação do mesmo contribuiu na organização do acervo digital, assim como na tabulação dos dados através de gráficos e tabelas, auxiliando no manuseio das ilustrações e condensando informações para investigações de maneira sistemática. As variáveis escolhidas para análise trouxeram informações importantes para o estudo, assim como apresentou a utilização do método para uso em estudos semelhantes.

O estudo da produção gráfica de Luís Jardim através de suas ilustrações em guias turísticos pode ser visto como parte de um processo mais amplo de recuperação da memória gráfica do artista e conseqüentemente da história do design pernambucano. Estudos esses podem auxiliar no entendimento das evoluções que o design gráfico tem sofrido com o passar do tempo e evocar a memória visual de um povo, memória essa que serve de identidade de cidades e regiões. Além disso, as análises desses artefatos vão além das questões que envolvem o design gráfico, podendo evocar questões históricas, culturais, econômicas e sociais dos indivíduos ali estabelecidos.

Referências

- Bandeira, M. (1938). Guia de Ouro Preto. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil.
- Campello, S. B. (2011). Em Busca da prática perdida. In: CAMPELLO, S.B.; ARAGÃO, I.R. (Org.). *Imagens Comerciais de Pernambuco: Ensaio sobre os efêmeros da Guainases*. Recife: Néctar.
- Cardoso, R. (2005). *O Design Brasileiro antes do Design: Aspectos da História Gráfica, 1870-1960*. Organizador: Rafael Cardoso. São Paulo: Cosac Naify.
- Cruls, G. (1952). *Aparência do Rio de Janeiro: notícia histórica e descritiva da cidade*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.
- Fonseca, L. P., Gomes, D. D., & Campos, A. P. (2016). Conjunto Metodológico para Pesquisa em História do Design a partir de Materiais Impressos. In *Infodesign*, v. 16, p. 142-161.
- Freyre, G. (2005). *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. Recife: Fundação Gilberto Freyre, edição fac-similar da primeira edição.
- Freyre, G. (1957). Luís Jardim na J.O. In: *Revista O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ed. 49.
- Hélio, M., Bruscky, P. (1998). *Vida, arte, palavra, perfis de Luís Jardim*. Recife: Fundarpe.
- Dantas, M. P. R. (1989). *Luís Jardim: ficção e vida*. Recife: Fundarpe.
- Peixoto, F. (2005). A cidade e seus duplos: os guias de Gilberto Freyre. In: *Tempo Social, revista de sociologia da USP*. São Paulo, 17(1).

Sobre o(a/s) autor(a/es)

Bruno Pereira Verissimo, Mestrando, UFPE, Brasil <brunopverissimo@gmail.com>

Silvio Romero Botelho Barreto Campello, PhD, UFPE, Brasil <sbcampello@gmail.com>